

Mais polêmica no caso da fusão Sadia-Perdigão

Executivos da BRF devem argumentar ao Cade que falência da Sadia foi evitada devido a negociação com a Perdigão em maio de 2009

Nos próximos dias executivos da Brasil Foods vão tentar convencer o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) que além da empresa não concentrar tanto mercado como o relator do caso no órgão indicou, sua criação evitou um mal social maior, que seria a quebra da Sadia, disse à Reuters representante de um grande acionista da BRF.

Na avaliação da fonte, que pediu anonimato, a fusão da Perdigão com a Sadia há dois anos, com o apoio de membros do então governo Lula, evitou demissões em massa que eventual quebra da Sadia traria e não se tratou de uma jogada empresarial, de um lance agressivo de aquisição. "Se a quebra da Sadia acontecesse teria dado a liderança de mercado para a Perdigão de qualquer maneira", afirmou a fonte.

"Tudo isso tem que ser bem avaliado, porque não foi um processo de compra agressivo, de takeover, a BRF foi feita para se evitar um problema social muito maior, que era a quebra de uma companhia quase centenária, com uma marca muito forte (Sadia)", disse a fonte. "Foi o resultado de uma crise internacional", complementou ele sobre a situação em que estava a Sadia na época.

Operações com derivativos cambiais provocaram perdas bilionárias para a Sadia quando estourou a crise financeira internacional, a partir de 2008. A empresa registrou, então, o maior prejuízo da sua história e buscou conversas com a Perdigão, sua principal rival, para unir as duas companhias.

A fusão foi anunciada em maio de 2009, com os sócios da Perdigão abocanhando 68% da BRF e os da Sadia ficando com 32% do novo grupo. Posteriormente, a BRF fez uma Oferta Pública de Ações (IPO, na sigla em inglês) e começou a ser negociada em Bolsa, enquanto os órgãos reguladores avaliavam a fusão. Na quarta-feira, o relator do caso deu parecer desfavorável à união das companhias, derrubando as ações e trazendo incerteza entre os acionistas.

NEGOCIAÇÃO. Para a fonte ouvida pela Reuters o importante no momento é negociar com o Cade, "que nunca esteve tão duro", e apostar no bom senso do órgão. "Chegou o momento das duas partes (BRF e Cade) sentarem e buscarem uma solução que de fato não destrua um projeto de uma empresa nacional forte que vai conseguir conquistar o mercado lá fora", avaliou, acrescentando que não haveria ganhos para nenhuma das partes envolvidas se o negócio fosse totalmente rejeitado. "A gente acredita no bom senso dos diferentes atores nesse processo", afirmou, acrescentando entender também a preocupação do órgão regulador com o consumidor, que "precisa ser respeitado".

Inicialmente, a retomada do julgamento do caso BRF no Cade foi agendada para quarta-feira, mas pode ser que exista uma pausa maior para que os conselheiros do órgão possam avaliar melhor todo a situação.

Em entrevista ao jornal O Estado de S.Paulo publicada na sexta-feira, o presidente-executivo da BRF, José Antônio do Prado Fay, reconheceu que a companhia pode ter dado ideia de inflexibilidade aos membros do Cade e indicou que vai participar ativamente de conversas nos próximos dias buscando solução para o problema.

Fonte: Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 13 jun. 2011, Seudinheiro, p. B3.